https://doi.org/10.30681/2594.9063.2023v7n2id11594

Fundação e criação: sentidos à deriva no discurso do ex-governador José Wilson Siqueira Campos

Foundation and creation: meanings adrift in the speech of former governor José Wilson Siqueira Campos

Damião Francisco Boucher[1]
Universidade Federal do Tocantins

Thiago Barbosa Soares[2]
Universidade Federal do Tocantins/ CNPq

Como citar este trabalho:
BOUCHER, D. F.; SOARES, T. B. Fundação e criação: sentidos à deriva no discurso do ex-governador José Wilson Siqueira Campos. **Traços de Linguagem**, v. 10, n. 1, p. 280-290, 2026.

RESUMO: Nesse artigo, analisamos o discurso político em duas ramificações distintas: o discurso fundador e o discurso de resistência. Buscamos depreender o funcionamento das redes de sentidos da fundação do Tocantins como um processo disruptivo. Verificamos como tal funcionamento discursivo afeta sentidos de "criação" e de "fundação". Como percurso teórico-metodológico adotamos os referenciais da Análise do Discurso. Nosso corpus consiste em um recorte discursivo de Siqueira Campos, ex-governador do Tocantins, proferido na Câmara dos Deputados, no dia 5 de maio de 2004. Por fim, esperamos perceber as sutilidades discursivas que regulam as redes ideológicas no Estado do Tocantins.
PALAVRAS-CHAVE: Discurso fundador. Discurso de resistência. História do Tocantins.

ABSTRACT: In this article, we analyze the political discourse in two distinct branches: the founding discourse and the resistance discourse. We seek to infer the functioning of the meaning networks of the foundation of Tocantins as a disruptive process. We verified how such discursive functioning affects meanings of "creation" and "foundation". As a theoretical-methodological route, we adopted the Discourse Analysis references. Our corpus consists of a discursive excerpt from Siqueira Campos, former governor of Tocantins, delivered in the Chamber of Deputies, on May 5, 2004. Finally, we hope to perceive the discursive subtleties that regulate ideological networks in the State of Tocantins.

KEYWORDS: Founding Discourse. Resistance discourse. History of Tocantins.

Considerações iniciais

Se assim como Ayn Rand (2009), considerarmos que os governos são instituições que detêm o poder exclusivo de impor à sociedade certas condutas sociais em determinadas espacialidades, então deveremos também admitir como fato que os discursos políticos são, assim como afirma Soares (2022b, 74), "a virtualização do

[1]Membro pesquisador Grupo de Estudo de Análise do Discurso (GEsTADI - UFT), graduado em Letras português/inglês pela Universidade Federal do Tocantins UFT (2012), especializado em Análise do Discurso Político e Jurídico (2017) e especializado em Psicologia Junguiana, ambas pela Faculdade Unyleya do Rio de Janeiro e mestre pela Universidade Federal do Tocantins (UFT), campus de Porto Nacional. Professor de Língua Portuguesa e Inglesa na Rede Dom Bosco de ensino. E-mail: boucherplace@gmail.com

[2] Doutor em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professor no curso de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins (UFT). É líder do Grupo de Estudo de Análise do Discurso (GEsTADI - UFT). Pesquisador bolsista de produtividade do CNPq. Orcid: https://orcid.org/0000-0003-2887-1302. Lattes: http://lattes.cnpq.br/8919327601287308. Email: thiago.soares@mail.uft.edu.br.

travamento de combates nos quais se chocam cosmovisões distintas acerca de como conferir legitimidade a um projeto de poder entranhado no tecido de todo e qualquer governo".

Nesse sentido, a posição ocupada por governos pressupõe uma ordem discursiva a qual determina o modo de pensar, as posições de cada sujeito no mundo e como os acontecimentos são projetados em sociedade. Por essa razão, fundar ou criar um estado pode imprimir sentidos outros a depender das condições de produção e de emergência na qual esse enunciado insurge (SOARES, 2018). Diante do reconhecimento de que a visão de poder, projeta-se através do pensamento, atingindo e afetando sujeitos e (des)construindo a história ao seu modo, propomos analisar o discurso político em duas de suas ramificações distintas, a saber, o discurso fundador (ORLANDI, 2001) e o discurso de resistência enquanto uma resposta à política do silêncio (ORLANDI, 2007).

Com esse gesto de leitura, buscamos depreender como funcionam as redes de sentidos da fundação do Tocantins, as quais sustentam o imaginário da criação do Tocantins como um processo disruptivo na qual a fundação desse Estado dá-se a um só tempo, por um só sujeito. Secundariamente verificamos como tal funcionamento discursivo afeta os sentidos de "criação" e de "fundação" que ora trabalham na região semântica da exploração geopolítica, ora se deslizam para o campo da fertilização humana, inoculando o "efeito da aceitabilidade discursiva, isto é, aquilo que causa a adesão dos sujeitos por analogias ou comparações" (BOUCHER; SOARES, 2022, p. 123) vinculadas às paráfrases, funcionando como efeitos metafóricos, "um deslizamento do dizer no processo discursivo" (SOARES, 2018, p. 117).

Para tratar desse percurso semântico-discursivo, elegemos os referenciais teórico-metodológicos da Análise do Discurso. Noções como formações ideológicas (doravante FIs), formações discursivas (doravante FDs), formações imaginárias, interdiscurso, intradiscurso entre outros serão mobilizados ao longo de nossa análise, com o intuído de verificarmos como funcionam os mencionados discursos circulantes em sociedade. Nosso corpus faz parte de uma cadeia de dizeres sobre a fundação do Tocantins e consiste em um recorte do discurso de José Wilson Siqueira Campos, ex-governador do sobredito Estado, proferido na Câmara dos Deputados, em Brasília, no dia 5 de maio de 2004.

Após nosso percurso discursivo, esperamos ser possível perceber as sutilidades discursivas no funcionamento das forças que regulam as redes ideológicas dos discursos fundador e de resistência no Estado do Tocantins. Almejamos ainda entender o funcionamento do silêncio constitutivo enquanto processo de apagamento de acontecimentos históricos. Por fim, esperamos que tais reflexões possam lançar luz aos diversos debates sócio-políticos que giram em torno do (des)contínuo processo de criação do Estado do Tocantins.

Considerações teóricas

Com o intuito de alcançar o objetivo elencado acima, é de extrema relevância situar, nas linhas subsequentes, nossa posição enquanto analista das práticas discursivas, do campo político-midiático e nosso dispositivo de análise. Partimos do princípio de que a Análise do Discurso como referencial teórico-metodológico não procura apontar a verdade dos acontecimentos, mas conceber essa verdade como um efeito de sentido passível de relativização.

Tal afirmação torna possível, porquanto a Análise do discurso, como afirma Soares (2020, p. 167), funda-se na confluência de duas grandes obras "a lembrar, Análise Automática do Discurso, de Michel Pêcheux, e A Arqueologia do Saber, de Michel Foucault. Cada uma dessas carreia um flanco da Análise do Discurso".

O acontecimento da Análise do Discurso (doravante AD) possibilita a ruptura de um comportamento interpretativo acerca do saber e do poder os quais regulam o funcionamento social (SOARES, 2020) e a adoção de noções semântico-discursivas cuja mobilização possibilita o rompimento da leitura, simplesmente psicológica, puramente linguística e meramente social dos sujeitos e dos sentidos.

A partir do desenvolvimento da AD, de acordo com Courtine (2008 apud Soares, 2018, p. 116) Pêcheux empreende "a formulação de uma máquina de leitura com o objetivo de auxiliar as pessoas a lerem o discurso produzido no interior da política", a partir da releitura da obra de Ferdinand de Saussure e das contribuições de Althusser e de Lacan que também reinterpretaram Marx e Freud, respectivamente (SOARES, 2018).

Desse entrelaçamento de campos distintos (Linguística, Psicanálise e Materialismo Histórico), Pêcheux possibilita a mobilização de princípios e procedimentos que definirão algumas noções fulcrais para analisar o objeto da AD, a saber, o discurso. Assim, o autor, ao pôr em xeque a transparência e autonomia da língua, a transparência do sujeito e da história, desconsidera a noção de mensagem do esquema informacional de Jakobson, preferindo o termo discurso que implica não se tratar de uma transmissão de informação entre A e B apenas, "mas de modo mais geral, de um 'efeito de sentidos' entre os pontos A e B" (PÊCHEUX, 1997, p. 82).

Dessas considerações acerca do objeto da AD, mais tarde, em suas constantes reformulações teórico-metodológicas, Pêcheux (1997) chega ao pressuposto básico de que a AD torna-se um campo da Linguística relevante que, além de provocar a ruptura da visão positivista de sua época, trabalha no entremeio, tocando a estrutura linguística, por meio de conceitos semântico-semióticos, e o acontecimento (PÊCHEUX, 2015), a partir de noções que ameaçam a estabilização histórica das relações de saber e de poder (SOARES, 2022a).

Na interseção da história e da linguagem, a AD também permitiu enxergar o homem e sua relação social, o concebendo não como o indivíduo da Psicanálise, mas como um sujeito que se posiciona no mundo. Assim, "indivíduo" e "sujeito" se mostram termos distintos para a AD, pois o primeiro ocupa um espaço empírico no mundo, enquanto o segundo é constituído como uma posição discursiva (ORLANDI, 2015). Dessa forma, para a teoria da enunciação, que também tem o seu lugar na AD, o que é considerado é o sujeito fazendo sentido, não o indivíduo. Segundo Fiorin (1995):

> Todo espaço e todo tempo organizam-se em torno do "sujeito", tomado como ponto de referência. Assim, espaço e tempo estão na dependência do eu, que neles se enuncia. O aqui é o espaço do eu e o presente é o tempo em que coincidem o momento do evento descrito e o ato de enunciação que o descreve. A partir desses dois elementos, organizam-se todas as relações espaciais e temporais (FIORIN, 1995, p. 26).

A partir do que fala Fiorin (1995) sobre a teoria enunciativa, afirmamos que, ao posicionar-se no mundo, quem imprime sentidos é o sujeito, uma posição discursiva, um indivíduo que ao ser interpelado em um "eu", um "tu" ou um "ele" pelas cosmovisões distintas (SOARES, 2022b), situado em determinada espacialidade e em dado tempo, reorganiza as relações de força existentes no seio social e projeta a realidade a partir de imagens constituídas historicamente pelos diversos discursos circulantes em sociedade.

Partindo desse pressuposto sobre o lugar em que o "eu" e o "tu" ocupa nas formações sociais, as regras de projeção "estabelecem as relações entre as *situações* (objetivamente definíveis) e as *posições* (representações dessas posições)" (PÊCHEUX, 1997, p. 82, itálico e parênteses do autor). Esse fato, permite-nos compreender que as formações ideológicas, ou seja, o conjunto de crenças e costumes (constitutivas do ponto

de vista do sujeito), regulam a luta de classes, permite que o lugar de onde fala o político, representante do povo, seja restrito ao próprio povo.

Nessa relação assimétrica na qual se estabelece a posição de mando e de obediência, são as formações discursivas (PÊCHEUX, 1997) responsáveis por materializar as diversas cosmovisões sociais (SOARES, 2022b). Assim, as FDs "determinam o que pode e deve ser dito, a partir de uma dada posição, numa dada conjuntura" (PÊCHEUX, 2011, p. 73). Por essa razão, todo discurso é materializado sob a forma de um enunciado, seja ele verbal ou multimodal. Nos enunciados verbais há sempre relações de sentidos trabalhando em silêncio (ORLANDI, 2007, 2015). De outro modo, o discurso na esfera intradiscursiva, no acontecimento enunciativo atual, é "uma resposta direta ou indireta a outro discurso dado" (PÊCHEUX, 1997, p. 77) cujo lugar é constitutivo dos efeitos de sentido emergindo na superfície do enunciado atual.

Assim, os elementos linguísticos carregados semanticamente por esses efeitos de sentido, fazendo remeter a uma anterioridade e exterioridade, independente e oposto do que é construído no ato de enunciar, são chamados por Henry (1990) de pré-construídos. Sobre o funcionamento dos pré-construídos, de acordo com Courtine (2014, p. 74), estes marcam "a existência de um descompasso entre o interdiscurso como lugar de construção do pré-construído e o intradiscurso como o lugar da enunciação de um sujeito".

Desse modo, quando um sujeito político, situado em determinada posição de prestígio (SOARES; BOUCHER, 2020), em determinadas condições de produção, profere o enunciado "a luta pela libertação do povo", dada construção enunciativa faz emergir as memórias da luta; as projeções históricas nas quais se apresentam as relações de força no embate entre o discurso das correntes ideológicas conservadores e o discurso antagônico de resistência.

Por esse motivo, a noção de interdiscurso (eixo da constituição) e de intradiscurso (eixo da formulação) é fundamental para o dispositivo de análise, porquanto esses dois eixos (vertical e horizontal, respectivamente) permitem ao analista observar: a) o trabalho dos pré-construídos; b) os efeitos constitutivos das memórias (ACHARD, 2015) e; c) o funcionamento do efeito metafórico, "expressão por meio da qual Pêcheux define as paráfrases no interior do mesmo texto" (SOARES, 2018, p. 117).

Interligados por essa tensão natural de estabilização e de deslocamento semântico, os efeitos metafóricos, isto é, "o fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual para lembrar que esse 'deslizamento de sentido' entre x e y é constitutivo do "sentido'" (PÊCHEUX, 1997, p. 96, aspas do autor), permitem a manutenção de uma ancoragem semântica por meio de uma variação do que está posto no campo intradiscursivo.

Dessa breve explanação sobre as noções e mecanismos funcionando no ato discursivo, chegamos à compreensão das formações imaginárias, isto é, as imagens de sujeitos, suas posições "que resultam de projeções" (ORLANDI, 2015, p. 38). São as formações imaginárias as responsáveis por colocar em constante manutenção as imagens históricas dos sujeitos. Assim, as imagens de si e do outro na interlocução se constituem a partir das relações de forças antagônicas. De outro modo, no ato de repulsão ideológica, o eu e o outro se constroem mutuamente em um espaço discursivo heterogêneo na qual as interseções fazem parte da (re)organização do saber e do poder em sociedade (SOARES, 2022b).

Por essa razão, admitimos que nas formações imaginárias projetadas pelos discursos políticos, há sempre a dissensão, porquanto as FIs, materializadas nas FDs, de longe são homogêneas, porque o discurso também "é constitutivamente atravessado pelo 'discurso do Outro'" (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 69, aspas da autora). Consequentemente, no confronto das forças conservadoras com seu oposto é que surge o

discurso de resistência. Este que delineia espacialidades, forja o novo a partir da divergência com o velho, emancipa-se de concepções e de ideais outrora aceitáveis e convergentes, reorganizando a história a partir de sua própria ruptura, fazendo esquecer que "não há controle 'pessoal' ou 'coletivo dos processos e da história de que sujeitos e sentidos participam. O que há é a aparência de controle e de certeza dos sentidos porque as práticas sócio-históricas são regidas pelo imaginário, que é político" (ORLANDI, 2001, p. 7).

Nesse sentido, o discurso fundador (ORLANDI, 2001), em certa medida, se apresenta como os dizeres da resistência, é atravessado pelo desejo do novo e tem, na figura do desbravador, o sujeito fundador, o qual estabelece o princípio de algo. Dessa forma, o funcionamento do discurso fundador se pauta no silêncio constitutivo, isto é, no apagamento de outras figuras, outros sujeitos participantes da fundação (ORLANDI, 2007) para dar lugar ao "criador", aquele que faz nascer algo.

Pensando a cidade ou a fundação de um estado, o discurso fundador (ORLANDI, 2001), em sua regularidade, apresenta e consagra a imagem do sujeito a quem foi dada a incumbência da assinatura, da resistência, apagando em seu dizer, outros sujeitos cujo esforço e trabalho fizeram culminar o ato final da fundação, como, por exemplo, os sujeitos envolvidos no processo histórico de construção, a saber, os pioneiros. Nas palavras de Orlandi (2001, p. 13), esse dizer fundante "irrompe no processo significativo de tal modo que pelo seu próprio surgir produz sua 'memória'".

Diante da ilustração supracita, compreende-se que o apagamento dos outros sujeitos em detrimento do sujeito fundador, trata-se de "um efeito de discurso que instala o anti-implícito" (ORLANDI, 2007, p. 73) em que "x" simboliza a exaltação da imagem do fundador, silenciando assim o "y", ou melhor, os outros agentes da resistência e da luta que são descartados dos dizeres sobre a fundação.

Por fim, destacamos que o apagamento instituído pelo silêncio constitutivo é posto em manutenção pelas formações imaginárias, as quais sustentam, pelo contínuo da história, as imagens das posições ocupadas pelos sujeitos nas projeções do discurso fundador (ORLANDI, 2001, 2015). Após fazer o recenseamento mobilizador de nosso dispositivo analítico e consequentemente estabelecer nossa posição descritivo-interpretativa, passamos à seção de análise.

Análise: discurso de fundação do Tocantins

Para alcançar o escopo de nossa análise, de maneira mais dinâmica, estabelecemos um processo didático, partindo daquilo que é enunciado na Câmara dos Deputados, em Brasília, na Sessão: 076.2.52.0, às 10h48min do dia 5 de maio de 2004, pelo ex-governador do Estado do Tocantins, José Wilson Siqueira Campos.

A partir do dito, procuramos perpassar por um caminho interdiscursivo para uma investigação do já-dito e já esquecido (ORLANDI, 2015) e silenciado (ORLANDI, 2007), isto é, nas memórias cujos sentidos constituem aquilo posto no enunciado através dos pré-construídos (COURTINE, 2014).

Por fim, lançamos um olhar investigativo nas raízes do discurso fundador, entrelaçamento de outra força discursiva mais abrangente, a saber, os dizeres acerca da criação. Após essas considerações didáticas, passamos a descrever e a interpretar o recorte-objeto de nossa análise:

> […] Este reencontro, que me leva as melhores lembranças dos tempos da longa e histórica luta pela criação do Tocantins, traz-me as mais fortes emoções, maiores até mesmo do que aquelas sentidas ao entrar pela primeira vez neste plenário — ventre de onde nasceu o meu Estado — hoje repleto de Senadores,

> Deputados Federais, Deputados Estaduais, Prefeitos, Vereadores, Líderes, homens e mulheres que lutam pela conquista da autonomia, pela libertação de suas gentes. Brasileiros vindos das mais distantes regiões do Amazonas, Pará, Mato Grosso, Maranhão e Piauí, tão cheios de alegria e de esperança, da mesma forma como cheguei a esta casa em 1° de fevereiro de 1971 para iniciar a luta pela libertação do povo nortense de Goiás. Sr. Presidente, senhoras e senhores, tenho a honra de apresentar sugestão em forma de proposta à consideração desta Comissão Geral. […] O povo tocantinense sempre sonhou, acreditou e lutou pela autonomia, e nunca perdeu a fé em Deus e a esperança de um futuro de paz, prosperidade e justiça social.
> O Tocantins nasceu aqui. Espero em Deus que, nesta Casa do Povo, nasçam com a maior brevidade os Estados pelos quais vocês e tantos homens e mulheres lutam há tanto tempo (BRASIL, 2004).

A partir do que é dito em nosso objeto, o sujeito enunciador José Wilson Siqueira Campos revisita os sentidos do descobrimento no sintagma nominal "reencontro". Dado sintagma pressupõe não uma reunião entre amigos, nem mesmo uma concentração amistosa, mas um reencontro tempestivo na qual as forças ideológicas se contrastam. Ao considerarmos as condições de produção e de emergência de seu enunciado, bem como as posições-sujeitos envolvidas (PÊCHEUX, 1997), percebemos que o mencionado sintagma trabalha na região semântica do embate e do conflito de interesses políticos.

Essa afirmação parte não só dos efeitos postos no trecho "longa e histórica luta pela criação do Tocantins", que, por si só, denuncia a referida região semântica pelo sintagma "luta", mas pela consideração das condições de produção e de emergência do discurso.

Se considerarmos, assim como Fiorin (1995), o espaço epistemológico que separa "pessoa" de "sujeito" e, assim como Pêcheux (1997), a interpelação do "indivíduo" em "sujeito" pela ideologia que baliza "lugar" e "posição", respeitando as diferenças de cada campo do saber dos respectivos autores, distingue-se, desse trecho, os traços distintivos que diferem a referencialidade das formações imaginárias. Na referencialidade enunciativa, consideram-se pessoas como indivíduos em um determinado espaço, ocupando lugares e encontrando-se uns com os outros. Pelas formações imaginárias, esse indivíduo é interpelado em político e posicionado na condição de deputado federal pelas diversas projeções subjetivas que o cercam (SOARES, 2018).

Assim, José Wilson Siqueira Campos, ao fazer relembrar o seu público sobre uma "longa e histórica luta pela criação do Tocantins", situa seu enunciatário num dado espaço/tempo específico, a saber, a histórica divisão do Estado do Goiás e a criação do Tocantins em 5 de outubro de 1988, apagando (ORLANDI, 2007), consequentemente, as linhas históricas que provavelmente apontariam outros sujeitos "da luta" pela emancipação desse estado. Consequentemente, ao fazê-lo, organiza esse espaço/tempo em torno de si, projetando a imagem metafórica do "sujeito fecundador", ou melhor, aquele que faz gerar o novo estado.

Ao enunciar esse espaço, o "plenário" e projetá-lo a partir de sua posição discursiva, metaforizando ainda a imagem da gestação, o sujeito projeta a imagem de si como a semente, como "o sêmen que adentra o ventre". Desse ponto, nota-se o trabalho das formações imaginárias que, segundo Pêcheux (1997), faz funcionar a sociedade a partir de: a) relações de forças; b) relações de sentidos e; c) antecipações.

Pelas relações de forças, nota-se um sujeito capaz de gerar, fecundar um estado e de promover a "libertação de suas gentes", de "iniciar a luta pela libertação do povo nortense de Goiás". Pensando a interdiscursividade, os efeitos de sentidos reverberando continuamente na história e fazendo-se emergir no intradiscurso, nesses dois enunciados, entrecruzam-se: 1) o discurso fundador (ORLANDI, 2001), no qual sujeitos filiados a essa rede de sentidos projetam-se como cocriadores de um mundo já criado e

desbravadores de um espaço já desbravado e; 2) o discurso de resistência, no qual esses mesmos sujeitos, ao se posicionarem como fundadores, também estabelecem uma luta contra as ideologias contrastivas que procuram manter o *status quo* de determinada região.

A partir do mencionado entrelaçamento discursivo, cria-se a assimetria entre o sujeito gerador/libertador, capaz de emancipar o Tocantins do Goiás, e o sujeito-outro (AUTHIER-REVUZ, 2004), aquele que ainda não foi capaz de conquistar essa façanha e que aparece no discurso do enunciador como efeito da relação de sentido. Esse efeito, por sua vez, projeta a imagem de um circuito político no qual Siqueira Campos põe em funcionamento a imagem da superioridade como uma resposta aos seus adversários.

Dessa maneira, a projeção de si como um sujeito de sucesso político (BOUCHER; SOARES, 2020) desloca a posição do sujeito enunciador de um mero deputado (o outro) para um grande estadista (ele próprio), um sujeito capaz de transpor os limites de sua posição e de desatravancar uma luta histórica cujo fim desdobra-se pela sua presença, pela marcação de sua memória na linha da história. Em contrapartida, ao projetar a imagem de si no discurso, acaba-se por delinear a posição dos enunciatários, "Senadores, Deputados Federais, Deputados Estaduais, etc.", como "sujeitos que lutam", pressupondo uma "não-conquista", porquanto luta representa o ato contínuo de um objetivo ainda não alcançado.

Através da observação desses dois efeitos de sentido, procuramos nos debruçar de forma verticalizada sobre o funcionamento das relações de sentidos, as quais interligam a formulação enunciativa a outros acontecimentos na história. Como mencionado nas considerações teóricas, Orlandi (2015) ressalta que um discurso aponta para o outro em uma relação temporal infindável de regularidades na qual a atualidade enunciativa é uma resposta aos discursos anteriores, reforçando-os ou anulando-os.

No caso de nosso objeto de estudo, no campo intradiscursivo, Siqueira Campos filia-se às redes de sentidos da emancipação para responder às demandas que essa rede propõe, apresentando "sugestão em forma de proposta" para a Comissão Geral da Câmara dos Deputados. Já no campo interdiscursivo, seus enunciados revisitam a base histórica dos discursos fundador e de resistência; são marcados pelos sintagmas "luta", "criação", "libertação" e "esperança", pré-construídos (COURTINE, 2014) associados ao campo semântico do embate/combate e ao campo discursivo da luta de classes. Esta estabelece as relações históricas entre os sujeitos da situação e os da oposição, regula o mando e a obediência e põe em manutenção as formações imaginárias.

Diante do funcionamento das formações imaginárias, temos, por fim, as antecipações. No jogo de antecipações no qual são estabelecidas as imagens (e posições) dos interlocutores (PÊCHEUX, 1997), isto é, imagens que o enunciador faz de si e do outro, a partir do que é enunciado no campo intradiscursivo por Siqueira Campos, observamos que o espaço e o tempo da enunciação (FIORIN, 1995) organizam-se em torno do sujeito de prestígio político que adentra a Câmara dos Deputados, em 1° de fevereiro de 1971, "para iniciar a luta pela libertação do povo nortense de Goiás".

A partir desse enunciado, observam-se os efeitos da primazia do lugar. De outro modo, mesmo sem a aparente oposição do outro, vemos operar "a virtualização do travamento de combates nos quais se chocam cosmovisões distintas" (SOARES, 2022b, p. 74), a saber, a posição do fundador e sua posição antagônica, daqueles que também participaram do processo de emancipação territorial. Nessa região semântica, os sentidos no sintagma "iniciar a luta" fazem reverberar a imagem da iniciação, pressupondo que a luta pela emancipação do Tocantins nunca existiu antes de Siqueira Campos. Esse oposto inocula nas formações imaginárias da política tocantinense a imagem de que a glória da

conquista emancipatória, deve-se a Siqueira Campos e inicia-se a partir da figura do libertador, não havendo mais ninguém capaz desse grande feito.

Essas projeções apagam o fato de que a luta pela divisão do Goiás inicia-se concretamente em 1821, em uma tentativa de destituição do capitão-general Manoel Sampaio, chefiada pelo capitão Felipe Antônio Cardoso e pelo pe. Luiz Bartolomeu Marques; após serem expulsos da capital Vila Boa e partirem para o Norte do Goiás, surge outra figura da luta emancipatória, a saber, Theotônio Segurado, ouvidor da Comarca do Norte. Segurado presidiu e estabeleceu a junta provisória até janeiro de 1822 (ALENCASTRE, 1979).

A partir dessas memórias, ou melhor, do apagamento delas, corroboramos a máxima de que "todo poder se acompanha do silêncio em seu trabalho simbólico" (ORLANDI, 1990, p. 49). Nesse sentido, o silêncio constitutivo apaga outras regiões de sentidos que possibilitariam o rastreamento histórico da luta pela emancipação da região Norte do Goiás. Por essa razão, dado efeito também aponta o discurso de Siqueira Campos como sendo o primeiro grito de resistência, apagando, por exemplo, que:

> É no contexto da economia de mineração, primeira metade do séc. XVIII, que se assinala a primeira manifestação concreta de oposição do norte ao centro-sul de Goiás. Tal fato decorreu da "imposição do imposto de capitação mais elevado para as minas do norte do que para as 'minas do goyazes" (CAVALCANTE, 1990, p. 64).

Considerando o que foi dito por Cavalcante (1990), mas silenciado no discurso de Siqueira Campos, verificamos as ramificações dos discursos fundador (ORLANDI, 2001) e de resistência, nos quais o mencionado enunciador encontra-se situado na posição extrema da consolidação da luta separatista em prol do Estado do Tocantins. Assim, enunciados como "o Tocantins nasceu aqui" e "espero em Deus que, nesta Casa do Povo, nasçam com a maior brevidade os Estados pelos quais vocês e tantos homens e mulheres lutam há tanto tempo" alimentam as formações imaginárias as quais sustentam Siqueira Campos como "o criador do Tocantins".

O mencionado pré-construído liga-se ao nome Siqueira Campos em diversos títulos que formam as redes de sentidos dos discursos fundador e de resistência, não só causando um efeito parafrástico, mas um entrelaçamento semântico-discursivo que reorganiza as redes das memórias sobre o Tocantins, faz emergir o efeito da anterioridade e da exterioridade (COURTINE, 2014) e projeta a imagem do enunciador como o fundador do Estado, não sendo possível apontar para um sem acertar o outro.

Tais redes de sentidos sobre o sujeito fundador se intensificam com a morte de José Wilson Siqueira Campos, deixando mais explícita a presença dessas formações imaginárias, trazendo, por exemplo, títulos como: "De seringueiro a político: saiba quem foi Siqueira Campos, primeiro governador e *criador do Tocantins*" (G1, 2023, itálico nosso), "Morre o ex-governador Siqueira Campos, *'criador' do estado do Tocantins*" (CARTA CAPITAL, 2023, aspas do autor, itálico nosso).

Dessas considerações, notamos que em todo esse traçado discursivo analisados e do que se diz sobre Siqueira Campos, há os sentidos do progenitor trabalhando em silêncio (ORLANDI, 2007), porquanto aquele que funda, estabelece o princípio de algo, edifica uma construção, mas quem "fecunda", dá origem e perpetua-se por gerações, sobrepondo qualquer luta anterior, porque o ato de "fecundar" institui a exclusividade e a primazia do ato libidinal e pressupõe não um desbravador que funda um espaço tridimensional, mas um "pai que fecunda", na Região Norte (na barriga desprezada do Goiás), o Tocantins, projetado como sujeito, porquanto este não é estabelecido como nova

região, mas, nas palavras do próprio Siqueira Campos, “nasce do ventre” o qual ele mesmo fecundou.

Considerações finais

Ao prescrutar e rastrear pela intradiscursividade os efeitos da interdiscursividade, ou melhor, a constituição dos sentidos através das memórias de fundação do Tocantins, procuramos observar o discurso de Siqueira Campos trabalhando em esferas semânticas heterogêneas que ora apontam para os sentidos de fundação/constituição, ora para a fecundação/concepção. Dessa forma, tanto no campo político quanto no âmbito familiar os sintagmas “criação”, “ventre”, “nascer” e “libertação” têm seus sentidos deslocados.

Esses elementos linguísticos formam um entrelaçamento entre campos semânticos distintos e reforçam o potencial argumentativo através da inoculação de efeitos de sentidos. Tais efeitos projetam a imagem de um sujeito político tanto fundador de um espaço geográfico (criação do Tocantins), ícone de resistência, quanto de um sujeito fecundador de um filho (ventre de onde nasce o meu Estado).

Por esse entrelaçamento discursivo, cria-se “o efeito de realidade do pensamento” (ORLANDI, 2001, p. 7), estabelece-se a ilusão referencial organizada em torno do efeito da primazia, da ilusão de que a fundação de um estado como o Tocantins se dá a um só tempo e a uma só tomada de decisão, delegando “ao último” as honrarias e o legado não conferidos “aos primeiros”. De outro modo, na formação imaginária sobre a criação do Tocantins, as redes de dizeres trabalham de forma sutil no apagamento da luta contínua que perpassa essa história pela focalização sincrônica da história dos atos de um único sujeito, desconsiderando a luta dos demais atores políticos envolvidos.

Desse ponto, cabe mais uma vez ressaltar que a análise empreendida não buscou depreciar ou diminuir o acontecimento histórico que culmina nos atos de Siqueira Campos para a criação do Estado do Tocantins, mas verificar como enunciados e sintagmas do campo político, como os analisados acima, produzem o efeito da exclusividade, da ilusão do sujeito fundador que, filiado às redes de sentidos da fundação, (re)organiza os sentidos da primazia em torno da imagem do pai, do genitor único que faz nascer “no ventre”, ou melhor, na Câmara dos Deputados, um estado-sujeito, apagando, dessa forma, os movimentos separatistas que na historicidade possibilitaram o ato final.

Através dessa pesquisa, possibilitamos a relativização da fundação do Tocantins, desconstruindo as certezas consolidadas a partir de uma territorialização semântica na qual é atribuído o ato de fundar a um único sujeito político, silenciando constitutivamente, por exemplo, os exploradores do norte goiano “que em quinze anos abriam caminhos e estradas, vasculharam rios e montanhas, desviam correntes, desmatam regiões inteiras, rechaçaram os índios, exploram, habitam e povoam uma área imensa” (PALACIM; MORAES,1979, p. 30); em 1809, a criação da Comarca do Norte e a reivindicação do ouvidor Theotônio Segurado e do povo que habitava essa região pela construção da sede (ALENCASTRE, 1979). Por fim, silencia-se também tantos outros sujeitos pioneiros que contribuíram para a construção das espacialidades urbanas, figuras políticas como Ailton Lélis, arquiteto, paisagista e urbanista que participou do projeto de paisagismo de Goiânia, de Brasília e, sobretudo, de Palmas, capital do Tocantins, sendo secretário de governo tanto municipal quanto em âmbito estadual (SECOM, 2011).

A partir desse movimento descritivo-interpretativo, foi possível lançar luz às forças que regulam as redes ideológicas dos discursos fundador e de resistência no Tocantins. Tais organizações discursivas resgatam, cada uma ao seu tempo, as memórias que ora estabilizam, ora desestabilizam os sentidos de fundação e de criação. Para o sujeito situado na posição da figura fundadora, a criação do Tocantins faz parte de uma

luta individual, mesmo que pensada coletivamente; culmina no ato de fecundar, de simbolicamente dar vida a um estado como uma ação puramente singular.

Para o sujeito deslocado dessa posição discursiva, o efeito ilusório da fundação se dissolve e nessa territorialização semântica, nessa desorganização ideológica (ORLANDI, 2001), a figura do sujeito fundador dissipa-se e a criação passa a ser concebida semanticamente como parte de um processo histórico contínuo mais amplo, traçado, pensado e executado pela sequência de acontecimentos que compõem a historicidade da fundação.

Diante ao exposto, reconhecemos a relevância da continuidade dos estudos acerca do discurso político sobre o Norte e suas várias outras redes subsidiárias, tais como o discurso fundador (ORLANDI, 2001), o discurso de posse (SOARES, 2022b) e o discurso do sucesso político (SOARES; BOUCHER, 2020) bem como outras ramificações. Esperamos também que essa análise possa contribuir para outros campos epistemológicos como a História do Tocantins e a Sociologia, lançando luz aos diversos debates sócio-políticos que giram em torno do (des)contínuo processo de criação do Estado do Tocantins.

REFERÊNCIAS

ACHARD, Pierre. Jean Davallon, Jean-Louis Durand, Michel Pêcheux, Eni P. Orlandi. **Papel da memória**; tradução Eni Pulcinelli Orlandi. 4ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015. p. 7-63.

ALENCASTRE, José Martins Pereira de. Anais da Província de Goiás. Goiânia: **SUDECO**/Governo de Goiás, 1979.

BOUCHER, Damião Francisco; SOARES, Thiago Barbosa. Discurso do sucesso político nos dizeres de Donald Trump. **Porto das Letras**, [S. l.], v. 6, n. especial, p. 228–243, 2020. Disponível em: https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/9967. Acesso em: 24 jul. 2023.

BOUCHER, Damião Francisco; SOARES, Thiago Barbosa. Discursos de ódio e resistência: sucesso e apagamento na manutenção das relações de poder. **Leitura**, [S. l.], v. 1, n. 76, p. 126–141, 2023. Disponível em: https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/14426. Acesso em: 26 jul. 2023.

BRASIL. Congresso Nacional. Câmara dos Deputados. DETAQ, Sessão: 076.2.52.O. 5 de maio de 2004. Brasília, Disponível em: https://www.camara.leg.br/internet/sitaqweb/TextoHTML.asp?etapa=3&nuSessao=076.2.52.O&nuQuarto=7&nuOrador=1&nuInsercao=0&dtHorarioQuarto=10:48&sgFaseSessao=CG%20%20%20%20%20%20%20%20&Data=05/05/2004&txApelido=JOS%C3%89%20WILSON%20SIQUEIRA%20CAMPOS&txFaseSessao=Comiss%C3%A3o%20Geral%20%20%20%20%20%20%20%20%20%20%20%20%20%20%20%20%20%20%20%20&dtHoraQuarto=10:48&txEtapa=Com%20reda%C3%A7%C3%A3o%20final. Acesso em: 15 ago. 2023.

"Morre o ex-governador Siqueira Campos, 'criador' do estado do Tocantins". **Carta Capital.** Disponível em: https://www.cartacapital.com.br/cartaexpressa/morre-o-ex-governador-siqueira-campos-criador-do-estado-do-tocantins. Acesso em: 12 ago. 2023.

CAVALCANTE, Maria do Espírito Santo Rosa. Tocantins: **O Movimento Separatista do Norte de Goiás,** 1821-1988 - Goiás: Luiz Palacim, 1990. f. 332. Dissertação (Mestrado) – História, Departamento de História da Universidade de Goiás, 1990.

COURTINE, Jean-Jacques. **A análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos, SP: EDUFSCar, 2014.
HENRY, Paul. Construções relativas e articulações discursivas. Trad. João Wanderley Geralde e Celene Margarida Cruz. **Cad. Est. Ling**., Campinas, SP (19): p. 43-64, jul./dez. 1990. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636825/4546. Acesso em 6 set. 2021.
ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso fundador:** a formação do país e a construção da identidade nacional. Campinas, SP: Pontes, 2 ed., 2001.
ORLANDI, Eni Pulcinelli. **As formas do Silêncio:** no movimento dos sentidos. 6ª ed. Campinas, SP: Pontes da Unicamp, 2007.
ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de Discurso:** princípios e procedimentos. 12ª ed. Campinas, SP: Pontes Editora, 2015.
PALACIN, Luís, MORAES, Maria Augusta Sant'anna. **História de Goiás** (1722-1972) 5º ed. Goiânia: Ed. Da UCG, 1989.
PÊCHEUX, Michel. Língua, linguagem, discurso [1971]. In: PIOVEZZANI, Carlos; SARGENTINI, Vanice (org.). **Legados de Michel Pêcheux**: inéditos em análise do discurso. São Paulo: Contexto, 2011.
PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso:** uma introdução à obra de Michel Pêcheux; Organizadores: François Gadet, Tony Hak; tradutores Bethania S. Mariani... [et al.]; 3ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997. p. 61-161.
PÊCHEUX, Michel. **O discurso:** estrutura ou acontecimento. Trad. Eni Orlandi. 7ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2015.
RAND, Ayn. **Capitalismo:** el ideal desconocido. Trad. Luis Kofman. Buenos Aires: Grito Sagrado Editorial, 2009.
SECOM. Pesar pela morte de Ailton Lélis. **Secretaria de Comunicação do Estado do Tocantins**, 2011. Disponível em: https://www.to.gov.br/secom/noticias/pesar-pela-morte-do-arquiteto-ailton-lelis/2ctjnn6bo7az. Acesso em 12 ago. 2023.
SOARES, Thiago Barbosa. **Percurso Linguístico**: conceitos, críticas e apontamentos. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.
SOARES, Thiago Barbosa. 1969, o ano que não terminou: o acontecimento da Análise do Discurso. In. BUTTURI Junior, Atilio; BRAGA, Sandro; SOARES, Thiago Barbosa (org.). **No campo discursivo:** teoria e análise. Campinas, SP: Pontes, 2020. p. 167-187.
SOARES, Thiago Barbosa. **Percurso Discursivo:** heterogeneidades epistemológicas aplicadas. 1. ed. - Campinas, SP: Pontes Editores, 2022a.
SOARES. Thiago Barbosa. Uma análise das imagens de si no pronunciamento de posse presidencial de Jair Messias Bolsonaro: um (im)provável Presidente do Brasil. In: SILVA, ANTONIO, Edson Alves da (org.). **Discurso político na pós-modernidade**. Tutóia, MA: Diálogos, 2022b.